



O nosso hospital

A inauguração realisa da no dia 8 do vigente, da nova parte e seus aperfeiçoados accessórios do hospital do Senhor Bom Jezus dos Passos, d'esta cidade, é effectivamente um acontecimento de alçado valor e estima, como illustradamente revelaram os oradores que a ella assistiram.

Por annos se delongou esta obra porque sempre, para os feitos mais proveitosos, os governos reservam grande indifferentismo. E' que esses governantes nunca sentiram o bafejo da penuria.

Desditoso d'aquelle que, batido da miseria e da enfermidade, vem se arrastando aterroisado das iras da sua sina, a procurar o abrigo no seio do hospital, como o Lazaro encontrou no regaço de Abrahão, e lho é negado!

Infelizes os que percebem

sucumbir os paes, os irmãos e outros parentes ou amigos de de não menor amizade, sem ao menos terem uma gotta de enganadora panaceia com que os possam illudir do termo da vida!

Desgraçado o que arremessado ao desamparo de um tecto, á insensibilidade dos descuidosos tranzeuntes, sente no soffrimento a morte tomar-lhe a existencia, sem olhar elle ao menos a imagem de Christo — o consolo do crente — á parede d'um hospital!

Que importa haver no templo da Caridade os olhares apathicos de tantos sacerdotes de Esculapio, que ali vão ganhar o dinheiro offertado pelas almas piedosas, embóra jurem ser piedosos; que d'ali trazem, para figurar cá fóra, perfeição aos seus estudos!

Que encommóda a praga rumada pelo enfermeiro quando um gemido angustioso, involuntario, alta noite vem inter-

romper-lhe o sono!

Estas tribulações multo-
cam a infelizia, ao moribundo
e a na fúnebre roupagem da
Caridade procura o desanço do
corpo exultante e a paz da al-
ma a encetar a grande viagem
em demanda do porto eterno,
prometido por Christo. E que
luctua não será então maior, a
do misero ver ficando fugir-lhe
a vida, a casta do sorriso, aquelle
receptáculo do bem, amado
desde a mais alta antiguidade
pelos príncipes e imperadores do
oriente, e acorçoado triunfante
pelo Nazareno, na sua divina
peregrinação terrena!

Porque pois não se procurem
poucos tantos soffrimentos?

Continuando já a obra pre-
dita. E ha verá numero para
po-lo em utilidade? — Será a
nova parte quando a luz se
vê impiedada de o fazer, abrigar
os enfermos de sua caridade?

Talvez venha a servir de
adorno ao edificio. No entan-
to as tendas que enaniam d'a-
qui, da Laguna, permitem
ainda d'vidas por outros fins,
manter-se o hospital repleto
de doentes e apó a socorrer os
indigentes externos.

A estes homens que se im-
põem a representar-nos nas reu-
niões governantes: a esses go-
vernadores fidados de tão boa
causa, compete a regenera-
ção do nosso de pauperamento
altruistico.

A elles cabem as responsabi-
lidades das nossas misérias d-
mundo.

Os laboriosos cidadãos cujo
seres estão nadando em eche-
benção, que levaram a realida-
de o ideal piedoso dos nossos
antepassados, quanto ao com-
plemento da habitação, nada
conseguirão em beneficio do
mesmo ideal, não havendo
auxílio monetario descido da
arca do thezouro publico. Po-
o dinheiro que particularmente
apparece a este fim, é raro, e
d'elle o povo não tem o direito.

Queira Deus — o infatigavel
na pratica do bem — mover os
nossos superiores obrigando-os
a se compenetrarem dos seus
deveres humanitarios.



Devaneio—

á D... Y... E A... C...

...

Divagar deixemos a imagi-
nação por estes campos seme-
dos de flores agrestes...

Como é bello ver esse gran-
de e vasto campo de verdu-
que, aqui se espalha, matas
de florinhas mil, semelhante a
vasto tapete de veludo verd-
onde não amestrada teceu co-
primor o mais lindo e delicado
desenho?!...

Como lindo é aquelle area
immenso que se estende ao lon-
go da costa?!...

E' uma massa de prata, quan-
do em pino o sol reflete os seu-
raios sobre ella...

Como é bello o azul d'est-
e céu sereno e limpo — de tan-

tes recordações para mim?!...

Como a aragem subtil passa distribuindo seu beijo, fatiadores e cheiros de enleadas florinhas que — abçio-as — suspiram por amor n'aculles ermos sombrios e silenciosos?...

Assim med'ava eu por uma d'essas tardes em que a natureza risónha e festiva — só trespalando amor — eleva em mystico transporte, um hymno eterno ao Criador de tudo — quando a vi, bella, gentil e mansosa.

Era um botão de rosa immaculado a desabrochar divinamente ao beijo casto e leve das lagrimas do orvalho...

Tinha a belleza das Fornarina. Senti um fluido magnetico immergi-la e não peço do meu pobre coração, e despertar as pobres flores da minha alma... E, vê-la, e admirar, foi obra de um momento...

E não foi indifferente ao que sentia...

E as notas do seu canto esplendoroso, harmonioso, penetram na minha alma, terna, suave, mansamente, tão brandamente, que me sinto arrebatado ás ethereas mansões do bello idéal..

Depois... vi pela ultima vez a minha encantadora estrella...

No peitinho vaidoso e perolado do casaquito rendado estava uma saudade branca, muito branca, de uma brancura magnetica; e o ingenuo ar-

far de seus seios faceiros e divinos não era o mesmo...

Ella sent a nosem coração juvenil o ançar das vibrações misteriosas do amor, que a fatigada vnhia quebrar...

La partir...

E... alou-e e formo a visão dos meus olhos a seuctora flor dos meus fagueiros sonhos de poeta e moço...

Foi-se... e n'este ermo onde tudo é pezar para as flores da minha cranga vivo só aceitar a suspirar... e as minhas dores á voar, á voar...

Pobre coração!...

TILTO.



Os tres principios

Ha homens movidos só por necessidade, outros por paixões, outros por inspirações. Os primeiros só tem a vida instinctiva, os segundos a vida animica e os terceiros a vida intellectual. Os obreiros, artistas, os letrados marcam essas differenças.

Ha tambem homens de determinações. Esses são raros e os verdadeiros dominadores do mundo: Napoleão e S. Paulo pertenciam a essa especie.

O universo é um homem: proporções gigantescas.

Elle tem a sua vida instinctiva, animica e intellectual. Chamo destino ou instincto da criação, vontade a sua porção

animica e providencia a sua intellectualidade. Digo então, que o universo é governado por tres principios o destino, a vontade e a providencia. Poderei mostrar ao leitor essas questões difficeis da philosophia? Duvido da clareza de minha exposição e só confio na sagacidade do leitor. Ha uma lei viva dominando todos os phenomenos. Essa lei é a providencia. Chamal-a-ei a causa de toda a manifestação phenominal. Mas, não ha causa sem effeitos. O destino é a cadeia sem effeitos. A vontade pôde alterar as causas e produzir novos effeitos.

Tomo a semente de uma planta. Em tal semente descubro uma força occulta—a providencia, que dotou a semente com um germen de vida, de uma vida particular, a vida de uma certa arvore.

Si for plantada a semente ella produzirá necessariamente uma arvore determinada, e milhares de arvores futuras. Esta cadeia de effeitos, á espera de uma condição para se manifestar, é o destino. Mas, a vontade, que é do homem, pôde dar outro destino á semente, assinalal-a ao organismo humano, si ella for comida, ou esmagal-a, fazendo voltar os seus elementos para o todo universal.

(A SEGUIR)

O amor nasce de um olhar,
vive de um sorriso e morre de
um beijo — V. I. o.

A Imprensa

Eu sou a imprensa
Deusa sublime
Que face a face
Castiga o crime!
Sou a palavra
Da sã verdade,
Na grande luta
Da liberdade!

Estendo os braços
Para os vancidos,
Enxugo o pranto
Dos opprimidos:
Eu sou a imprensa,
Deusa sublime
Que face a face
Castiga o crime!

Não tenho patrão,
Mas, tenho berço;
De frente erguida
Corro o univverso!
Não ha thezouro
Que me fascine,
Nem ameaça
Que me domine!

Para os covardes
Sou a vingança
P'ra os victimados
Sou a esperança...
Eu sou a aurora
Da liberdade,
Eu sou a imprensa,
Sou a verdade!

GONÇALVES CRESPO



SAUDADE

Vem, ó saudade vem,
a mim também.

G. DIAZ

*Transmonta o sol: — ameiga-se a natura,
suspira a viração doce quebranto,
e no floreo matiz da brenha escura
desata o sabido mais terno canto.*

*Curva a fronte gentil sob a folhagem
a violeta mimosa das campinas;
o orvalho subtil sobre a ramagem
tomba do Céu em perlas cystalinas.*

*Já solta a coma d'ôiro perfumada
a branca flor do cactus, formosa;
no retiro da matta abandonada
geme, triste, a rolinha suspirosa.*

*Vesper desponta, e no crystal das aguas
da face linda estampa os esplendores:
— Vem ó meiga saudade! O' ternas maguas
do mimoso sonhar dos meus amores!...*

*Agora q' a cresinha, sem receio,
dorme entre as franças do salgueiro umbroso:
e a niveo bogarim, abrindo o seio,
desprende aromas do bolão mimoso,*

*— Vem ô doce memoria da ventura,
vem delir-me o pungir dos amargores!
oh! pen! d'ei hora meiga na tristura,
— vem trazer-me o sonhar dos meus amores!*

Florianopolis

DELINDA SILVEIRA

ACÇÃO DOS ESPIRITOS SOBRE A MATERIA

Pondo parte a opinião materialista, como condemnada ao mesmo tempo pela razão e pelos factos, resume-se tudo agora em saber se alma, depois da morte do corpo, pode se manifestar aos vivos. Reduzida assim a questão á sua mais simples expressão, acha-se assim singularmente isolada. Poder-se-á a principio perguntar como é que seres intelligentes, que vivem por aqui, não no nosso circulo, posto que invisíveis pela sua natureza, não poderão mostrar a sua presença por qualquer modo. A simples razão diz que para isso nada ha de absolutamente impossivel, e é já alguma coisa. Alem de que tal c'ê e já tem em seu favor a provação de todos os povos, por isso que, vamos estabelecer a em toda a parte, e em todas as épocas; ora, uma intuição não poderia ser tão geral, nem sobre viver aos tempos, se não se baseasse em alguma coisa. Alem de que é sancionada pelo testemunho dos livros sagrados e dos Padres da Igreja, e foi preciso apparecer o scepticismo e o materialismo do nosso seculo para classificar no numero das idéas superstitiosas; se e, times em erro, estas autoridades estão igualmente.

Mas são apenas considerações moraes. Uma causa contribuiu essencialmente para fortalecer

a duvida, em uma época tão positiva como a nossa, em que se quer saber a razão de tudo, e que se pergunta o porque e como das cousas, é a ignorancia em que se está a respeito da natureza dos espiritos, e dos meios pelos quaes podem se manifestar. Adquirido este conhecimento, o facto das manifestações nada tem de admiravel e ficão classificados na ordem dos factos naturaes.

ALLAN KARDEC



Opusculo

AO INTIMO AMIGO SALOMÃO GUERRA

Não ides, leitor sensato, a um monumento de Vico, na Italia, sugou dos recondido do universo, os mais se em pontos da Historia Universal.

Ides apenas, leitor, adentrar um filhote implume, que recentemente ensaia seu fraco vo ao portico da civilização hodierna.

O Saeulo XX, ainda enlutado pela infusta sombra que tristemente cobria annueros apóstolos da Poesia, jamais levantará igual e com a suavidade precisa, a columna em rempésidos, ao chão despedaçada com as me queceáveis montes de Abreu, Peixoto, Dória e outros mitos sacros fortificantes d'esta casa Deusa!

Esta senhora, (*) n'aquella primorosa epocha, era banhada pelo manso e azul-mar dos mais sublinhes literatos!

A loira Poesia, filha dilecta de Homero, Shakspeare e Goethe, não mais desaparecerá segundo muitos escriptores, especialmente o seu mais acensavel defensor—Romero, que a tantos obscuros vende, para conservar a megalha, trazendo á frente os mercedos louros!

O celebre litterato, Sylvio Romero em seu appecioso livro ESTUDOS DE LITTERATURA CONTEMPORANEA—verdadeira perola selectissima, defende com verdadeiro animo a Poesia, criticando numerozissimos escriptores que, sem o necessario conhecimento, tentam extingui-la!

LADISLAO PINHEIRO

(*)— Assim a considera Sylvio Romero.



Mendigando Amor!

AO AMIGO FRANCISCO FERNANDES

*Quem és tu? Mulher formosa,
Com tuas faces mimosas...
Bella assim... não és jamais!
Quem és? Com cabello preto,
Os Anjos em suae dueto
Te locam ás regiões sideraes!*

*Quem és? Porque teu sorriso
Faz-me ficar indeciso...
—Que graça, brilho e fulgor!...*

*Quem és? Porque me fascinas?
Quem és? Cesta menina
Que me fazes louco d'amor.*

*Quem és? Porque sorris, linda?
Pois, não ouiste ainda,
A merencorea Harpa do cantor?
Quem és? Porque em sonho,
Me appareces? Anjo risonho,
E' quem?*

—A mendiga do Amor!

J. ALINO.

BRIGADEIRO CONSELHEIRO JERONYMO

FRANCISCO COELHO

O illustre lagunense, conselheiro d'Estado e de Guerra, brigadeiro Jeronymo Francisco Coelho nasceu nesta cidade aos 30 de Setembro de 1803.

Foram seus paes: Cel. Antonio Francisco Coelho, tambem natural d'esta cidade, official do exercito e homem laborioso, probe, e D. Francisca Lino Coelho.

Este veterano servidor da patria brasileira, começou a sua vida publica assentando praça de cadete na provincia do Ceará, onde seu pae era inspector das tropas. Conquistou depois na Academia Militar do Rio de Janeiro, as cartas de bacharel em mathematica e engenharia. Aos 28 annos de idade era capitão. Deputado d'assembléa Legislativa provincial desde 1835 até 1847, enviou o escripto tambem á camara temporaria nas Legislativas de 1836-1841, de 1842-1844, de 1845-1847. Exercceu pela 1.ª vez o cargo de ministro da guerra no Gabinete de Fevereiro de 1844, no qual Gabinete se pacificou gloriosamente a provincia do Rio Grande do Sul. Compunham então este gabinete: conselheiro Silva Maia, imperiaes Alves Bruno, fazendeiro; Fereira França, estrangeiro; Carneiro Leão, justiça; Hollande Cavalcanti, marinha.

De 1845 a 1850 presidiu a provincia do Pará; e de volta á capital do Imperio, preenchida aquella commissão, occupou durante seis annos diversos e importantes cargos militares. Em 1856 foi nomeado presidente da provincia do Rio Grande do Sul e depois commandante das armas da mesma provincia.

Depois de um esquecimento de oito annos, tornou esta provincia a enviá-lo á camara na Legislação de 1857-1860. Foi então de novo aos conselhos da coroa pelo conselheiro Araujo Lima, mique-

de Olinda, para fazer parte do Gabinete de 4 de Maio de 1857, onde accitou a pasta da guerra, tendo por companheiros: Olinda, presidente do conselho e imperio; Souza Franco, fazenda; Pereira de Vasconcellos, justiça; Saraiva, marinha; Lopes Gama, estrangeiros.

Abatido por dolorosa enfermidade, ainda prestou relevantes serviços ao paiz.

Só, quando de todo não mais pôde dirigir, entregou a pasta ao seu collega da marinha e retirou-se para Friburgo, onde falleceu aos 10 de Janeiro de 1860.

Bom amigo; filho extremoso, pai desolado, moderado e prudente, sem se mostrar duvidoso em seu posto, decidido propugnador da opinião liberal, de elocução facil, clara e graciosa, tão sereno nas horas do triumpho como nos dias da adversidade, morreu pobre como tinha nascido, legando a seus filhos sua mãe, nobre velhinnha, a terra que lhe servio de berço, testamento digno dos heroicos vultos da Grecia.

Lag — 1-12-1903.

CHRONISTA

Escarcionando

Será eleito governador de Pernambuco o senador Segismundo Gonçalves.

-- Foi completo o insucesso das experiencias do baiao Lanzem Londres.

-- O Papa será visitado oficialmente pelo Czar da Russia.

-- O governo do Pará vae fundar um Instituto Orphanológico.

-- Vae ser começado em breve o caminho de ferro transandinô.

-- Continua em erupção o Mont Pelé.

-- Um capitalista de Madrid praticou um estellionato de 1.000.000 de pesetas.

-- Os grevistas de Pariz teem praticado as maiores violencias.

-- A fortuna Krupp foi oficialmente avaliada em 187.000 contos da nossa moeda.

No Rio Grande do Sul trata-se de erigir um monumento a memoria do general Bento Gonçalves.

-- Por estes dias chegará a Lisboa, Affonso XIII, de Hespanha.

-- A imprensa socialista de Roma é infensa a ida do Czar a Italia.

-- Na cidade de Santa Luiza do Rio das Velhas, em Minas, morreu, ha pouco, o commendador Manoel Ribeiro Vianna, que entre outras disposições testamentarias deixou 25 MIL CRUZADOS para a primeira universidade que se fundar em nosso paiz.

Para universidade ou para o bolso de...alguem?

-- A Australia possui as 2 arvores mais altas no mundo, as quacs são: 2 eucalyptos: um, com 122 metros de altura e 12 m. e 50 cent. de circunferencia; outra, com 128 metros de altura e 17 de circunferencia.

-- Foi morta em S. Miguel, São Paulo, uma mulher a foudas.